
RAM: COMO TUDO COMEÇOU

CONTADO POR

Loudon

Hamilton



DEPOIS DO SERVIÇO no Exército Indiano na França, durante a Primeira Guerra Mundial, quando foi condecorado com a Cruz Militar, Loudon Hamilton foi para Oxford e fez um curso de filosofia de dois anos.

Perto do final desse período, em maio de 1921, o Dr. Frank Buchman fez sua primeira visita a Oxford. Certa noite, ele foi convidado, nos aposentos de Hamilton, em Londres, na Igreja de Cristo, para uma reunião do *Beef and Beer Club*. A partir disso cresceu o Grupo de Oxford, agora conhecido como Rearmamento Moral.

Conheci FRANK BUCHMAN em Oxford, em 1921, por meio de um amigo americano, Alec Barton — estudante da Christ Church e colega jogador de futebol. Alec era muito admirado por sua coragem em aprender a jogar rugby inglês. Ele estava tão entusiasmado que no primeiro dia abordou o único homem que conseguiu ver com a bola, que era o árbitro.

Certa tarde, no final de maio, Alec me telefonou do outro lado do quadrilátero da faculdade: “Quer conhecer um professor americano que visitava Oxford?” Mas como Alec era um amigo, eu disse: ‘Tudo bem, traga-o para meu quarto esta noite. Vamos ter uma reunião do Beef and Beer Club.

Esta foi uma daquelas sociedades de debate onde resolvemos todos os problemas do mundo bebendo cervejas longas, fumando cachimbos longos e tendo longas discussões filosóficas. O único problema era que os problemas do mundo pareciam piorar um pouco. Felizmente para mim, eu não sabia quem era Frank Buchman. Se eu soubesse, certamente não o teria convidado para o Beef and Beer Club. Usávamos o nome de Deus com bastante frequência – mas não da mesma forma que Frank Buchman fez.

Alec trouxe um homem próximo da meia-idade, de estatura mediana, um tanto corpulento, cujas roupas e sotaque revelavam sua origem transatlântica. Seus olhos eram grandes e alertas. Nenhuma tentativa foi feita de apresentações gerais. A sala não comportava mais de vinte homens. Buchman modestamente sentou-se no fundo.

Imagine a multidão. Noventa por cento ex-oficiais universitários de graduação para baixo, veteranos de vinte e três ou vinte e quatro anos, com condecorações nunca vistas ou mencionadas. Eles eram homens de influência na faculdade. A maioria deles jogava, alguns muito bem. Desde então, muitos deles ocuparam cargos importantes no mundo.

Aos domingos, alguns iam à Catedral, que servia também como capela do nosso colégio. Normalmente estes serviços eram obrigatórios para todos os estudantes universitários. Esta regra foi flexibilizada para ex-militares. Eu nunca soube por quê. Ou não precisávamos disso ou já não orávamos mais. Provavelmente o último. A pose popular era uma mistura de cinismo e sofisticação. Para a nossa geração do pós-guerra, “Twentieth Century Blues” de Noel Coward resumiu exatamente o clima:

Nesta estranha ilusão,
Caos e confusão,
As pessoas parecem perder o rumo.
O que há para lutar,
amar ou manter vivo?
Ei, ei, termine o dia.

No Beef and Beer Club havia alguns homens como eu estudando filosofia. Como foi dito espirituosamente: ‘Tentamos ser filósofos, mas a alegria continuou a surgir’.

Naquela noite, em meus quartos, sentados em poltronas, com o ar azul devido à fumaça do tabaco, tivemos outro debate furioso sobre como consertar o mundo. Como era nosso costume, foram lidos quatro artigos, dois de um lado e dois do outro. A reunião foi aberta para discussão geral. No Beef and Beer Club nem sempre parávamos de conversar quando terminávamos o que tínhamos a dizer. Assim, já eram onze horas quando tive a oportunidade de perguntar ao nosso visitante americano o que ele achava.

Buchman começou com a declaração um tanto surpreendente de que concordava com tudo o que fora dito naquela noite, apesar de opiniões violentamente contraditórias terem sido livremente trocadas durante toda a noite. Ele acrescentou: 'É claro que tem que haver uma mudança no mundo, mas essa mudança pode começar com as pessoas. Agora, por exemplo. . . ', e ele começou a nos contar sobre dois estudantes que conheceu em Cambridge que decidiram mudar de atitude. Naturalmente despertou nosso interesse em Oxford o fato de os homens de Cambridge estarem mudando.

Frank foi educado demais para nos dizer que nós, em Oxford, precisávamos mudar, mas os sujeitos de quem ele nos falou eram tão parecidos conosco que ele nos deixou para desenhar nossas próprias conclusões. Minhas conclusões foram altamente desconfortáveis e muito atrasadas. Fui criado em um lar estritamente escocês. Isso não me impediu de cometer pecado. Isso só me impediu de aproveitar.

Depois que Frank terminou, fez-se silêncio. Alguns silêncios estão mortos. Este estava muito vivo. A atmosfera havia mudado de alguma forma. Até então tinha sido confortável, acadêmico e teórico. Agora tornou-se real e pessoal. Quase dava para ouvir o cérebro das pessoas funcionando. Fizemos o que era de se esperar: demos outra tragada em nossos cachimbos, olhamos para nossas botas e não dissemos nada. Embora Buchman não tivesse usado nenhuma das frases religiosas convencionais, todos os homens naquela sala sabiam exatamente do que ele estava falando. O relógio bateu meia-noite. Hora de terminar. Eu esperava que minha colega de quarto, Sandy, uma ateaia convicta, não gostasse desse tipo de coisa. Para minha surpresa, ele sugeriu que convidássemos Buchman para tomar café na manhã seguinte.

Fiquei com medo de que Frank tentasse me trocar no café da manhã — um pouco cedo para uma operação dessas. Então pedi um farto café da manhã para mantê-lo ocupado comendo e impedi-lo de fazer perguntas embaraçosas. Na manhã seguinte, fiquei na janela esperando nosso convidado. Ao atravessar o Quadrilátero, vi-o aproximar-se de um grupo de jovens de constituição definitivamente rápida, a caminho do banho matinal. Eles riram felizes juntos. A facilidade e naturalidade com que ele, um completo estranho, fez até mesmo aquele breve contato me impressionou muito.

Em poucos minutos, nós três estávamos sentados tomando café da manhã, Frank na frente de Sandy e eu. Naquela época, os cafés da manhã em Oxford, no verão, eram uma característica regular da vida social. A refeição foi servida em nossos quartos privados pelo nosso batedor, como eram chamados os criados da faculdade.

Geralmente essas ocasiões eram muito agradáveis. Desta vez eu não tinha certeza se seria apenas agradável.

Começamos com morangos, depois cereais, peixe, bacon e ovos, com, claro, as inevitáveis torradas, marmelada e café.

Os tópicos convencionais de conversa logo se esgotaram.

De alguma forma, eles pareciam mais irrelevantes do que normalmente. Perguntei-me apreensivamente, o que vem a seguir? Frank estava totalmente à vontade. Ele contou como, em suas recentes viagens pela Índia e pelo Extremo Oriente, o diretor de uma escola importante o chamou e perguntou o que ele faria com um aluno que havia roubado dinheiro. Como resposta tranquilizadora, Frank perguntou ao diretor: ‘Quando foi a última vez que você roubou?’ O diretor lembrou-se de ter recebido dinheiro quando criança. Então Frank disse: ‘Você pode contar isso ao seu aluno?’ O diretor então fez isso, com resultados positivos para todos.

Enquanto Frank contava essa história, me perguntei por que ele deveria contá-la para nós. Não precisei me perguntar por muito tempo. Assim que Frank terminou, Sandy ergueu os olhos do bacon com ovos e disse a Frank: “Nem sempre fui honesto em relação ao dinheiro”.

Isso me abalou. Por um lado, vindo da Escócia, tenho uma profunda preocupação com dinheiro. Além disso, eu sabia muito bem que Sandy nunca teria feito tal admissão para mim. Então, de repente, lembrei-me de ter ido a um baile da faculdade sem pagar o ingresso. Havia uma garota com quem eu queria muito dançar. O mesmo aconteceu com muitos outros companheiros. Eu estava determinado a chegar cedo. Vesti-me o mais cuidadosamente possível e entrei na entrada dos garçons. Até aquele momento não me tinha ocorrido que isso fosse desonesto. Então passei o resto do café da manhã me perguntando de quem eu poderia pedir dinheiro emprestado, supondo que decidisse devolvê-lo. Esse café da manhã provou ser caro. Foi um primeiro passo para a honestidade. Havia muitos mais por vir.

No fim de semana seguinte, Frank voltou a Oxford trazendo consigo os dois homens de Cambridge de quem nos falara. Pedi a meia dúzia de amigos que os encontrassem com eles em meus quartos. Eu estava um pouco em dúvida de quantos apareceriam.

Para minha surpresa, pelo menos uma dúzia compareceu, alguns dos quais até então não eram suspeitos de qualquer interesse em tais assuntos. Alguns eram frequentadores de igreja conhecidos, mas seu modo de vida não parecia diferente do resto de nós.

De uma forma totalmente natural, os nossos amigos de Cambridge contaram-nos o que tinha acontecido quando conheceram Frank. Imediatamente conquistaram a confiança de todos. Era óbvio que estavam falando de algo muito real para eles, embora novo para nós. A honestidade deles tornou a controvérsia irrelevante. Seus fatos carregavam convicção. Bob, um atleta de nível internacional e uma personalidade vencedora, parecia-me ter tudo o que queria: amigos, popularidade, sucesso. Eu me perguntei por que ele teve que mudar. A sua história, contada com humor e contenção, não nos deixou dúvidas.

O outro homem de Cambridge, Murray, era um tipo diferente. Ele veio de uma família religiosa bem conhecida. Acontece que ele era oficial do meu próprio regimento. Ele era o

tipo de cristão que não conseguíamos embebedar nas noites de convidados, mas não conseguia nos manter sóbrios. Um homem a respeitar, mas evitar.

Depois que nossos visitantes falaram, a discussão tornou-se geral. Perguntei a Murray em particular por que ele falou em ter que mudar, já que sempre foi cristão. Ele disse: ‘Sim, sempre tive fé em Cristo, mas nunca fui capaz de ajudar pessoas que estavam indo para o diabo como você’. A reunião foi dividida em grupos animados. Bob estava andando pelo Quad com um homem de Oxford de cada lado. Ele parecia conhecê-los melhor em uma noite do que eu em dois anos.

As notícias do que estava acontecendo se espalharam rapidamente. Havia um ar de expectativa no exterior, na faculdade e fora dela. Homens que eu mal conhecia vinham aos meus aposentos para perguntar o que estava acontecendo. Por baixo de um ar cuidadosamente assumido de neutralidade, ou mesmo de hostilidade assumida, escondia-se mais do que curiosidade vã. Todos nós fomos obrigados a pensar, até mesmo a enfrentar coisas que teríamos preferido esquecer. Afinal, ninguém gosta de ser obrigado a pensar, muito menos numa universidade onde é preciso aprender o que outras pessoas pensaram. Orgulhamo-nos de que, como aspirantes a filósofos, não fazíamos suposições. Na verdade, assumimos muitas coisas: que Deus não existia, que a natureza humana não podia ser mudada e que, de qualquer forma, era impossível viver de acordo com os padrões morais. Como sabíamos? Nunca tínhamos tentado.

Tínhamos muitas teorias. Em Oxford, uma tragédia foi definida como “uma bela teoria morta por um fato feio”. Buchman confrontou-nos com os fatos. Vimos pessoas, por vezes as mais improváveis (assim pensávamos), que eram definitivamente muito diferentes e estavam até preparadas para o dizer.

Para mim, as semanas seguintes foram das mais perturbadoras de toda a minha vida. Tive de admitir que os esforços que fiz, demasiado espasmódicos, para encontrar uma filosofia de vida satisfatória, afinal de contas, revelaram-se em grande parte infrutíferos. Indo de uma escola de pensamento a outra, descobri que cada uma delas era uma ilha flutuante. O barulho da catarata já soava nos meus ouvidos. A catarata para mim significou o abandono de todas as tentativas de resolver o enigma da vida e finalmente aceitar um materialismo cínico como a única solução.

Durante demasiado tempo estivemos apanhados nas nuvens das abstrações filosóficas e da sutileza intelectual, mas as nossas questões fundamentais permanecem sem resposta: O que realmente importava? Por que viver além do interesse próprio? Teríamos realmente que abandonar todas as grandes esperanças e camaradagem dos tempos de guerra e admitir que a vitória deveria ser deixada inacabada, afinal? Parecia uma perspectiva triste. Não tendo resposta para tudo isso, refugiamo-nos no cinismo e na irreverência. Pelo hábito e pelo treinamento você aprende a manter uma “fachada” e espera que seus amigos não percebam isso. Um poeta escreveu sobre a sociedade inglesa:

Falam e se movem ao meu redor como uma sombra, com tudo correto e nada claro.

A moda era posar como “descomprometidos” e “abertos a qualquer verdade”. Isto era, na verdade, totalmente desonesto.

A verdade é que estávamos totalmente empenhados em fazer o que quiséssemos. Chamamos isso de “liberdade”. Nossos verdadeiros deuses eram o sexo, o sucesso e a segurança. Esses deuses nós adoramos servilmente de qualquer maneira que a oportunidade se oferecesse. O campo de rugby e a pista de dança foram os locais onde mais procurei brilhar. No que diz respeito à religião (e isso não foi muito longe), afirmei sinceramente que não tinha fé, mas usei isso como desculpa para não mudar.

Fui criado para acreditar em Deus da maneira convencional, sem nunca esperar que Deus fosse uma força real na vida diária. A prova de fogo veio na Primeira Guerra Mundial. Pareceu-me que então, mais do que nunca, que alguma intervenção divina seria necessária. Mas Deus não parecia se importar.

Eu tinha apenas dezenove anos na primeira batalha do Somme (julho a novembro de 1916). Vinte em Passchendaele (julho a novembro de 1917). Em vinte e uma semanas no Somme, as baixas britânicas ultrapassaram os quatrocentos e dez mil homens, uma média de quase vinte mil por semana. Em quinze semanas em Passchendaele, as nossas baixas foram pouco menos de duzentos e quarenta e cinco mil homens, uma média de dezasseis mil por semana.

Muitas vezes eram os melhores homens que eram mortos. Inúmeras vidas foram desperdiçadas desnecessariamente. O sofrimento, às vezes a selvageria e o tédio pareciam intermináveis. Eu tentei o meu melhor para ver a mão de Deus em tudo isso. Eu tentei, mas falhei.

Uma noite, durante a Batalha de Passchendaele, balancei meu punho para as estrelas e amaldiçoei a Deus de coração e alma por permitir que essas coisas acontecessem. A minha fé morreu naquela noite, pensei que para sempre.

Só anos mais tarde é que percebi que estas coisas eram o resultado inevitável da recusa obstinada do homem em viver à maneira de Deus. Esse simples fato me ocorreu logo depois de conhecer Frank Buchman. Foi só então que pela primeira vez o padrão de resposta ao cinismo e à apatia prevalecentes começou a tomar forma. Aconteceu desta forma.

Em meados de junho de 1921, os exames finais terminaram e nossas carreiras universitárias terminaram. Em setembro eu deveria começar a lecionar em Eton.

Enquanto isso, chegou um convite de nossos dois amigos de Cambridge, Bob e Murray, para passar um fim de semana em uma faculdade de Cambridge com Frank Buchman e seus amigos. O convite era para uma festa em casa. Isso despertou minha curiosidade. O que Frank Buchman estaria fazendo numa festa em casa — uma palavra geralmente associada a um determinado contexto social? Como isso poderia ser combinado com o que eu já sabia sobre Frank Buchman? Seria interessante ver.

Às vezes é difícil conhecer os seus verdadeiros motivos numa decisão que tem consequências importantes. Curiosidade sim, confiança certamente. A sinceridade de Buchman foi

inteiramente convincente. O mesmo aconteceu com a naturalidade e camaradagem daqueles que o rodeavam. Não tinha nada do entusiasmo artificial normalmente associado aos entusiastas religiosos numa universidade. Eu ansiava profundamente por tal camaradagem. De alguma forma, isso sempre me escapou. Logo eu descobriria o segredo e muito mais.

Às vezes, decisões importantes são influenciadas por circunstâncias aparentemente triviais. Foi assim neste caso.

Eu não tinha dinheiro para passar um fim de semana em Cambridge. Pelo mesmo correio que trouxe o convite, £5 chegaram inesperadamente de uma tia para quem £5 era muito dinheiro – algo que nunca tinha acontecido antes e nunca depois. Nem minha tia sabia de nada sobre as circunstâncias. Este presente me fez aceitar o convite de Cambridge para o primeiro fim de semana de agosto de 1921. Mal sabia eu o que resultaria.

Havia um ar de expectativa, se não de mistério, quando nos reunimos para jantar naquela primeira noite no Trinity Hall. Parecia não haver aquela habitual hesitação britânica em falar com pessoas que você não conhecia.

A maioria de nós tinha vinte e poucos anos de idade. Em número, cerca de trinta, e outros apareceram à medida que o fim de semana avançava. Estavam presentes homens que representaram suas universidades nos principais esportes, remadores de Eton, um presidente da União de Oxford, homens com honras de primeira classe, alguns oficiais da marinha, indianos e um chinês.

Dos três homens mais velhos, um era coronel do Ministério da Guerra, um deputado britânico e um advogado internacional americano. Estes dois últimos celebraram um tanto exageradamente em Londres o recente sucesso do advogado em importantes negociações internacionais. Ao chegarem a Cambridge naquela noite, eles foram direto para o Buttery (onde não servem manteiga), então nossos dois amigos estavam com um humor totalmente jovial quando o jantar terminou.

Depois do jantar fomos para a Sala Comunal, sentados informalmente em poltronas fundas formando um grande círculo, esperando. Buchman deu o passo ousado de fazer com que todos disséssemos nossos nomes e de onde viemos. A maioria foi caracteristicamente breve. Por último vieram o deputado e o advogado americano.

Eles foram mais acessíveis. O deputado disse que veio porque ‘deixou cair um ponto’ em algum lugar e sabia que teria que voltar e pegá-lo novamente antes de poder chegar a algum lugar. Então o advogado lançou um panegírico um tanto prolongado sobre as glórias da América. 'Ora, lá temos montanhas tão altas que você pode ficar no topo e fazer cócegas nos pés dos anjos.' Pelo menos aumentou a sensação de informalidade.

Buchman então contou a história de seu amigo Bill Pickle — que já foi contrabandista no State College, na Pensilvânia, onde Buchman esteve sete anos na faculdade. A moral estava baixa, a escolaridade era baixa, a bebida era abundante e o time de futebol era consistentemente derrotado. A mudança de Bill evidentemente levou a uma mudança em toda a faculdade.

O humor e a naturalidade da história fizeram com que a hora e meia parecesse dez minutos. Ficamos impressionados com os muitos pontos de semelhança com nossas próprias experiências. Pela primeira vez a bondade pareceu atraente e até eficaz. Fomos felizes para a cama. Todos, exceto um homem, o advogado.

Três recém-chegados tinham acabado de chegar da América. Um deles, Bill, era o melhor amigo do filho do advogado assassinado na França. Quando o advogado avistou Bill, foi como se ele tivesse ficado cara a cara com seu filho morto. Ele ficou branco como um lençol. Naquela noite, ele e o parlamentar ficaram acordados até tarde, cada um dizendo ao outro o quanto precisava ser mudado.

Na manhã seguinte nos reunimos novamente, sem saber bem o que esperar. Aqueles que conheceram Buchman antes foram os que mais falaram. O próprio Buchman disse pouco. Em resposta às muitas perguntas, ele geralmente fazia com que outros contassem sua própria experiência no assunto em questão. Ninguém teorizou ou pregou. Os argumentos foram respondidos por evidências. A bola tinha um jeito de cair de volta com bastante inteligência na quadra do questionador. Foi fascinante.

O tema básico era: O que poderia acontecer ao nosso mundo se as pessoas mudassem. Provocou discussões animadas, pontuadas por gargalhadas. Também por silêncios grávidos. Nessas ocasiões, a pessoa geralmente se sente constrangida e deseja que alguém diga alguma coisa. Desta vez os silêncios não pareciam importar. Havia muito em que pensar. No final da primeira manhã, Murray, um dos que vieram para Oxford com Buchman, falou sobre como a mudança poderia ocorrer no indivíduo. Fiquei irritado comigo mesmo por me sentir um pouco desconfortável e sem saber por quê.

De alguma forma, havia um novo espírito em ação. As conversas à mesa eram diferentes. A apatia desapareceu totalmente. O cinismo parecia barato. Argumentos familiares não eram mais válidos. As desculpas começaram a ser vistas como realmente eram. Nossas defesas habituais haviam desmoronado. As pessoas pareciam à vontade umas com as outras.

À medida que o fim de semana avançava, uma coisa ficou bastante clara. Uma decisão precisava ser tomada. Era impossível negar a realidade do que havíamos visto. Agora, suas implicações para nós mesmos tinham que ser enfrentadas.

Ninguém tentou nos dizer o que fazer. Éramos livres para escolher. Tive a sensação desconfortável de que aquela poderia muito bem ser a escolha mais importante da minha vida. Várias vezes naquele fim de semana eu me vi refletido nas experiências que outras pessoas compartilharam. E o que vi não gostei nem um pouco.

A essa altura eu já tinha ouvido o suficiente para saber que um novo modo de vida era possível. Eu estava bastante determinado a não voltar ao modo como vivia. Mas eu não tinha certeza se queria seguir o caminho de Buchman – ainda. Foi um dilema.

O clímax veio naquela tarde de domingo. Estávamos jogando tênis, nós quatro. Decidi que, quando o jogo terminasse, seria absolutamente honesto com meus três amigos sobre as coisas

que sempre quis esconder. Eu temia muito o que pensariam de mim. Eu tinha certeza de que eles nunca mais falariam comigo.

Para minha surpresa e alívio, descobri que não estava sozinho. Cada um, por sua vez, era honesto consigo mesmo. Descobrimos que todos precisávamos da mesma mudança e limpeza. Só havia uma coisa a fazer. Ficamos de joelhos. Essa foi a primeira oração verdadeira que fiz. Deus inundou. Uma carga enorme foi levantada. Não há mais dúvidas ou hesitações. A única questão agora era saber com que rapidez e eficácia espalhar este novo espírito.

Parecia ser um experimento honesto, como qualquer cientista poderia ter feito. O resultado foi um milagre.

Por exemplo, há muito que deixei de acreditar que algum dia poderia voltar a viver uma vida pura. Isso estava na raiz do meu cinismo e apatia. Agora, em dois curtos dias, os hábitos de anos caíram. Para minha surpresa, descobri que recebi uma mente e uma língua limpas — algo que jamais conseguiria com meus próprios esforços. A vida assumiu um significado e propósito totalmente novos.

Para a maioria de nós, de maneiras diferentes, aquele fim de semana trouxe uma experiência cristã completa. Pela primeira vez na minha vida, Cristo tornou-se uma realidade viva, na verdade, uma necessidade absoluta. As verdades que ouvi desde a infância tornaram-se bens pessoais. Eu sabia o que significava o perdão, pois todo o seu poder e convicção renovados alcançavam todos os cantos e elevavam a vida a um novo nível. A barreira entre mim e Deus, que parecia intransponível, não existia mais. ‘Ele vive sempre para interceder por nós.’ Essa era a chave. Eu sabia que estava livre. Não houve mérito pessoal em tal experiência. Foi um presente puro. Se um velho casco há muito preso na lama durante a maré baixa é levantado pela maré enchente e libertado para navegar pelos oceanos, que mérito é esse? A única coisa a fazer era zarpar e partir.

Outros encontraram experiências semelhantes. Logo tínhamos um grupo de homens com ideias semelhantes e prontos para a batalha, independentemente do que os outros pudessem pensar, dizer ou fazer. É verdade que tudo começou conosco como indivíduos, mas não parou aí. Nas condições pós-guerra do nosso tempo, a necessidade de um novo espírito era demasiado evidente. Aqui estava algo de aplicação universal. Estava claro que as nações tinham que encontrar esta resposta ou estariam perdidas. A necessidade agora era multiplicar os combatentes.

Tanta coisa aconteceu em Oxford que a oração foi oferecida publicamente de um púlpito de Oxford agradecendo a Deus pela nova iluminação que havia chegado à Universidade. Algum tempo depois, o diretor de uma faculdade me pediu que voltasse para continuar o trabalho que o Dr. Buchman havia iniciado.

A carta do diretor oferecia cama, três refeições por dia e nenhum salário. A orientação disse vá, então eu fui. Outros vieram ajudar.

Durante os quinze anos seguintes, Oxford foi o nosso centro mundial. O interesse se expandiu. Os convites vieram de muitos países. Não demorou muito para que dez mil pessoas chegassem a Oxford durante o verão durante as férias. Teríamos tido mais, se houvesse espaço. Ficamos conhecidos em todo o mundo como o Grupo de Oxford, mais tarde como Rearmamento Moral.

Tenho setenta anos e mais uma vez vejo uma geração cínica e rebelde. Mas existe essa diferença no mundo hoje. Embora o cinismo seja abundante (nenhum fenómeno novo), há outro factor que existia apenas em embrião há cinquenta anos. O que começou com um ou dois de nós na década de 20, agora se espalhou pelo mundo e está ao mesmo tempo ultrapassando e superando os elementos de destruição.

Frank Buchman costumava citar-nos um provérbio chinês: ‘Se você quiser planejar para um ano, plante milho. Se você quiser planejar para trinta anos, plante árvores. Se você quiser planejar para cem anos, plante homens.’ É com esses homens e mulheres que reside o futuro. Eles estão em marcha e o seu número está aumentando.

O programa é o mesmo desde o início. É melhor resumido nas últimas palavras do Dr. Buchman: “Quero ver o mundo governado por homens governados por Deus. Por que não deixar Deus governar o mundo inteiro?”

Publicado pela primeira vez em 1968 pela Moral Rearmament, Londres, Reino Unido.